



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

As parcerias e o amor em Lacan

Mariana Furtado Vidigal

Em *O Parceiro sintoma*, Miller (2016)¹ destaca as modalidades de parcerias no ensino de Lacan que deram suporte à noção de parceiro-sintoma, o que nos permite articulá-la às formulações sobre o amor até o Seminário “Mais, Ainda”² (2008). Essa trajetória ajuda-nos a lançar um olhar sobre as parcerias diante as mutações do laço social.

No primeiro ensino de Lacan, a parceria imaginária se dá entre o eu e o outro especular. O outro é suporte da identificação pela qual o eu busca complementar³ o que escapa ao enquadre imaginário de seu corpo. O amor, para Freud e Lacan, tem caráter essencialmente narcísico, apoiando-se na imagem idealizada de si no parceiro.

A parceria simbólica, por sua vez, ocorre a partir da falta a ser, que vai buscar no Outro, lugar do tesouro dos significantes, “o significante que vem a satisfazer a falta que afeta o sujeito”⁴. A satisfação liga-se, aqui, ao reconhecimento simbólico, à resposta do Outro como tal. O amor é demanda e essa resposta é dom, “um amor que está na palavra”⁵, signo de amor.

Na parceria fantasmática, não há mais a relação direta com o Outro. O gozo do homem limita-se ao objeto a: “só lhe é dado atingir o seu parceiro sexual ... por intermédio disso, de ele ser a causa de seu desejo”⁶, a conjunção possível é entre o $\$ \diamond a$, pela fantasia. A mulher, por sua vez,

1 Jacques-Alain Miller, *El Partenaire-sintoma*. Paidós, 2016.

2 Jacques Lacan. Seminário: livro 20: *Mais Ainda*, Zahar, 2008

3 Idem

4 Jacques-Alain Miller, *El Partenaire-sintoma*. Paidós, 2016, p.262. Tradução livre.

5 Idem, p.153. Tradução livre.

6 Jacques Lacan. Seminário: livro 20: *Mais Ainda*, Zahar, 2008, p. 108.

tem relação com o indizível de seu próprio gozo, $S(A)$, e com o falo. Não-toda fálica, ela se dirige ao Outro do amor. Para Miller, esses são dois estatutos de parceiro-sintoma: o homem exige, pelo gozo fálico, que o parceiro tenha a forma de seu fetiche, de seu objeto a , que entre em um modelo; já a mulher, não-toda fálica, espera que o parceiro fale com ela e a ame. O amor está enodado ao gozo e encontra-se, no nível significante, sob a demanda de amor.

A inexistência da relação sexual entre os seres falantes marca o último Lacan. Entre o gozo do Um, autístico, e o Outro não há relação⁷. O sujeito torna-se corpo falante e o Outro torna-se tanto um parceiro com o seu corpo sexuado quanto “o corpo próprio, em uma dimensão de alteridade”⁸. Fazer de um parceiro o seu sintoma é fazer dele aparelho de gozo, modo pelo qual o gozo que se produz no corpo do Um, o corpo próprio, passa pelo corpo do Outro como meio de gozo.

Por fim, Lacan⁹ faz do amor o encontro, no parceiro, dos sintomas e afetos de tudo o que, em cada ser falante, marca o traço de seu exílio da relação sexual. Esses afetos no corpo “são o que resulta da presença de lalíngua” e ultrapassam o que “o ser falante suporta de saber enunciado”¹⁰ e por isso, restam como enigmáticos. O inconsciente é uma elucubração de saber sobre lalíngua e o reconhecimento do saber fazer com isto no parceiro torna-se “o amor que se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes”¹¹. O saber inconsciente articulado ao amor faz suplência à relação sexual que não há, ao fazer do encontro contingente algo necessário, da ordem do que não pára de se escrever. É nesse “ponto de suspensão a que se agarra todo amor”¹².

7 Jacques-Alain Miller, *El Partenaire-sintoma*. Paidós, 2016

8 Jacques-Alain Miller, *El Partenaire-sintoma*. Paidós, 2016, p.409. Tradução livre

9 Jacques Lacan. Seminário: livro 20: *Mais Ainda*, Zahar, 2008

10 *Idem*, p.149

11 *Ibidem*, p.155

12 *Ibidem*, p.156